



TEMAS BÍBLICOS

Do texto ao Acontecimento: a Palavra como revelação performativa na hermenêutica de Paul Ricoeur

From text to Event: the Word as performative revelation in Paul Ricoeur's hermeneutics

Del texto al Acontecimiento: la Palabra como revelación performativa en la hermenéutica de Paul Ricoeur

Donizete José Xavier¹

orcid.org/0000-0002-1236-638X
djxavier@pucsp.br

Boris Agustín Nef Ulloa¹

orcid.org/0000-0001-8011-6916
baulloa@pucsp.br

Recebido em: 3 jun. 2025.

Aprovado em: 17 jun. 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: Este artigo investiga a atualidade da revelação divina a partir da hermenêutica filosófico-teológica de Paul Ricoeur, destacando a Palavra de Deus como evento interpretativo que se dá no entrelaçamento entre texto, símbolo e experiência histórica. Com base na epistemologia simbólico-narrativa proposta por Ricoeur, particularmente nos conceitos de "mundo do texto", "distanciamento" e "apropriação". Defende-se que a Escritura não deve ser reduzida à sua literalidade, mas compreendida como revelação sinfônica, polifônica e sempre mediada. Nesse horizonte, a interpretação bíblica é vista como um processo dialógico que convoca o leitor a um deslocamento hermenêutico, abrindo-o à escuta de um sentido que transcende o passado do texto e irrompe no presente como *kairós*, tempo oportuno e convocatório. A Palavra, então, emerge como discurso performativo que integra espiritualidade, ética e *práxis*, instaurando um encontro entre o humano e o divino no seio da história. A hermenêutica ricoeuriana, ao afirmar a mediação simbólica da revelação e sua abertura ao sentido, oferece uma chave epistemológica fecunda para pensar a Escritura como lugar teológico de conversão, comunhão e discernimento pastoral na contemporaneidade.

Palavras-chave: *Kairós*. Hermenêutica. Revelação divina. Palavra de Deus. História.

Abstract: This article investigates the current relevance of divine revelation from the perspective of Paul Ricoeur's philosophical-theological hermeneutics, highlighting the Word of God as an interpretative event that occurs in the intertwining of text, symbol, and historical experience. Based on Ricoeur's symbolic-narrative epistemology, particularly the concepts of "text-world", "distancing", and "appropriation", it argues that Scripture should not be reduced to its literal meaning, but rather understood as a symphonic, polyphonic, and ever-mediated revelation. From this perspective, biblical interpretation is seen as a dialogical process that summons the reader to a hermeneutic shift, opening them to listening to a meaning that transcends the text's past and bursts into the present as *kairós*, an opportune and convening time. The Word, then, emerges as a performative discourse that integrates spirituality, ethics, and praxis, establishing an encounter between the human and the divine within history. Ricoeur's hermeneutics, by affirming the symbolic mediation of revelation and its openness to meaning, offers a fruitful epistemological key for considering Scripture as a theological place of conversion, communion, and pastoral discernment in contemporary times.

Keywords: *Kairós*. Hermeneutics. Divine revelation. Word of God. History.

Resumen: Este artículo investiga la relevancia actual de la revelación divina desde la perspectiva de la hermenéutica filosófico-teológica de Paul Ricoeur, destacando la Palabra de Dios como un evento interpretativo que ocurre en la interrelación del texto, el símbolo y la experiencia histórica. Basándose en la epistemología simbólico-narrativa de Ricoeur, en particular los conceptos de "texto-mundo", "distanciamiento" y "apropiación", argumenta que la Escritura no debe reducirse a su significado literal, sino entenderse como una revelación



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

sinfónica, polifónica y siempre mediada. Desde esta perspectiva, la interpretación bíblica se concibe como un proceso dialógico que convoca al lector a un cambio hermenéutico, abriéndolo a la escucha de un significado que trasciende el pasado del texto e irrumpe en el presente como *kairós*, un tiempo oportuno y convocante. La Palabra, entonces, emerge como un discurso performativo que integra espiritualidad, ética y praxis, estableciendo un encuentro entre lo humano y lo divino en la historia. La hermenéutica de Ricoeur, al afirmar la mediación simbólica de la revelación y su apertura al significado, ofrece una clave epistemológica fructífera para considerar la Escritura como un lugar teológico de conversión, comunión y discernimiento pastoral en la época contemporánea.

Palabras clave: *Kairós*. Hermenéutica. Revelación divina. Palabra de Dios. Historia.

Introdução

Este artigo investiga a atualidade da revelação divina à luz da hermenéutica filosófico-teológica de Paul Ricoeur, enfatizando a Palavra de Deus como evento interpretativo que emerge no entrelaçamento entre texto, símbolo e experiência histórica. Com base na epistemologia simbólico-narrativa de Ricoeur – especialmente nos conceitos de “mundo do texto”, “distanciamento” e “apropriação” –, sustenta-se que a Escritura deve ser compreendida como revelação sinfônica e mediada, que transcende a literalidade e se atualiza na leitura crente.

A problemática que orienta este estudo é a seguinte: como a hermenéutica ricoeuriana pode renovar a compreensão da revelação bíblica em contextos contemporâneos marcados por reducionismos fundamentalistas e pelo desafio da escuta da Palavra em meio à crise de sentido? Como resposta, o artigo propõe uma chave epistemológica que integre teologia bíblica, experiência simbólica e responsabilidade ética. O método adotado é de natureza hermenéutico-analítica, com enfoque nas categorias filosóficas de Ricoeur aplicadas à teologia da revelação cristã. O texto está estruturado em três partes: a primeira apresenta os fundamentos da hermenéutica ricoeuriana da revelação; a segunda explora o conceito de *kairós* como tempo teológico propício para a escuta da Palavra; e a terceira reflete sobre as implicações pastorais e éticas de uma leitura simbólico-transformadora das Escrituras.

Palavra, Escritura e Comunidade: o círculo hermenéutico da fé em Paul Ricoeur

Ricoeur destaca, em sua *Autobiografía Intelectual* (1995a) a importância dos textos bíblicos como fundamento de sua fé e como solo fértil de reflexão sobre a linguagem e a narrativa. Seu interesse pela exegese bíblica foi fortemente influenciado por Gerhard von Rad, cuja obra recuperou a centralidade da mensagem do Antigo Testamento num contexto marcado por rejeições à sua validade teológica. No diálogo com a teologia bíblica, Ricoeur (1995b) reconhece nas narrativas de Israel e nos oráculos proféticos um ponto de intersecção entre linguagem e revelação divina. A forma como Deus é nomeado nas diversas tradições literárias da Escritura – narrativa, lei, profecia, sabedoria e hinos – revela, segundo ele, a densidade da experiência religiosa que se cristaliza na linguagem.

Ricoeur propõe que a Palavra de Deus, ao manifestar-se por meio da linguagem, configura-se como evento e mensagem histórica. Isso implica que os gêneros literários bíblicos não atuam isoladamente, mas compõem uma rede de intertextualidades que reforça a experiência de fé comunitária. Os textos sagrados, para ele, não são simples relatos sobre Deus, mas testemunhos históricos que, pela linguagem, desvelam o mistério divino: “A fé, enquanto experiência vivida, é formada e educada na rede de textos que a pregação reconduz para a fala viva” (Ricoeur, 1996, p. 183).

A pertinência da Escritura na contemporaneidade reside, assim, em sua capacidade de narrar o encontro entre Deus e o ser humano como um acontecimento que transforma a história. Nessa perspectiva, John F. Haught (1998, p. 26) sugere que essa ação divina se expande em “círculos concêntricos” que abrangem o mistério, o cosmos, a história e o indivíduo. Tais círculos permitem compreender a Palavra como um dinamismo que envolve oralidade, Escritura e comunidade, destacando o papel central da narrativa como meio de revelação.

Essa interrelação é aprofundada por Ricoeur

(1984) em sua reflexão sobre o círculo hermenêutico entre Palavra, Escritura e Comunidade. Para ele, esses três elementos estão indissociavelmente conectados e formam o núcleo da experiência da fé judaico-cristã. A Palavra de Deus constitui a origem da fé, mas sua acessibilidade se dá mediante sua mediação na Escritura. Esta, por sua vez, não é um mero registro escrito, mas o corpo da Palavra, lugar onde ela se encarna e se torna inteligível à comunidade. Como observa Carvalho (2004), os textos sagrados são interpretações da própria fé, e não simples transcrições de uma verdade preexistente.

A relação entre Palavra e Escritura é, portanto, circular. A Escritura manifesta a Palavra e esta se atualiza na escuta e na leitura feita pela comunidade. A Escritura torna-se um lugar teofânico, onde a revelação se renova a cada geração pela leitura e releitura que a comunidade realiza. Como afirma Carvalho (2004, p. 34): "a Escritura, é ela mesma testemunha de várias experiências hermenêuticas e de vários hermeneutas que releem na história o fenômeno da fé".

O terceiro elemento do círculo é a Comunidade, que torna viva a Palavra e a Escritura por meio da liturgia, da catequese, da partilha e do compromisso com a realidade. Ricoeur, 1984) mostra que fé não é mera abstração teológica, mas experiência concreta alimentada na vida coletiva. A Escritura só se revela plenamente quando acolhida e interpretada por um corpo eclesial. É a comunidade que assegura a contínua atualização da Palavra, convertendo o texto sagrado em chamado profético e fonte de transformação.

A estrutura relacional entre esses três elementos constitui o que Ricoeur denomina círculo hermenêutico (Ricoeur, 1994b, p. 268), um processo contínuo de compreensão e aprofundamento da fé. Cada nova leitura da Escritura gera sentidos renovados da Palavra, que, por sua vez, transformam a vivência da comunidade. Para Ricoeur, "o cristianismo é, do começo ao fim, uma exegese" (Ricoeur, 1994a, p. 139), pois a teologia emerge do seio do texto bíblico como leitura da fé à luz da vida do povo e de seus acontecimentos fundadores.

Ricoeur, portanto, oferece uma chave hermenêutica essencial para compreender a fé como realidade dinâmica, construída na história e renovada em cada geração. A Escritura, longe de ser um arquivo estático, é um espaço vivo de encontro com Deus, em que a Palavra se atualiza pela escuta comunitária. O círculo hermenêutico Palavra-Escritura-Comunidade torna-se, assim, uma matriz epistemológica para pensar a revelação como evento sempre novo, exigindo do crente abertura, discernimento e compromisso.

Epistemologia hermenêutica: a compreensão da fé em Ricoeur

Do ponto de vista epistemológico, o círculo hermenêutico proposto por Ricoeur oferece uma compreensão profunda sobre como o conhecimento da fé se dá. Esse processo é mediado pela linguagem e interpretado dentro da comunidade de fé. Como destaca José Carlos Carvalho (2004, p. 34), "tem-se cada vez mais consciência que não se pode falar de Deus sem levar em conta as regras da linguagem que se usam na comunicação humana". A linguagem, neste contexto, não é apenas um meio de expressão, mas um modo fundamental de ser e de existir do ser humano.

Para Ricoeur (1994a), a linguagem é constitutiva do ser humano e de sua maneira de estar no mundo. Não se trata apenas de um instrumento de comunicação, mas da própria mediação por meio da qual o ser humano interpreta as situações que vive, dá sentido à sua experiência e a compartilha com os outros. A partir da linguagem, a pessoa se orienta no mundo, manifesta sua compreensão da realidade e expressa o que vive. Esse modo de entender a linguagem como dimensão essencial da existência implica que o conhecimento da fé também se constrói de forma interpretativa, em um processo contínuo de diálogo entre os textos sagrados e a experiência concreta da comunidade crente.

A autonomia do texto, um dos pilares da fenomenologia hermenêutica de Ricoeur, permite que o texto se ofereça ao leitor de maneira aberta, mas sua interpretação está sempre imersa em um contexto de interação. No círculo hermenêutico,

a compreensão da fé se desenrola pela relação dinâmica entre o passado, a tradição escriturística, e o presente, a interpretação atual. A tradição, que é registrada e transmitida nas Escrituras, carrega consigo significados que precisam ser constantemente interpretados à luz das situações contemporâneas.

O papel da comunidade é crucial nesse processo, pois é nela que o texto é lido, refletido e aplicado à vida de cada indivíduo e do grupo. Portanto, o círculo hermenêutico de Ricoeur não apenas ilumina a relação entre a Palavra, a Escritura e a Comunidade, mas também oferece um caminho epistemológico para compreender como a fé se renova. A fé não é algo estático, mas é continuamente enriquecida pela interação entre o texto, o leitor e a experiência vivida. A leitura da Escritura, mediada pela linguagem, e a interpretação na comunidade são práticas que alimentam e aprofundam a compreensão da fé ao longo do tempo, criando um espaço em que a tradição e a experiência coexistem e se influenciam mutuamente (Ricoeur, 1994a).

Um segundo círculo concêntrico proposto por Ricoeur (1994b) refere-se à questão da Palavra inspirada e sua relação com a comunidade confessante. Com base na compreensão do círculo entre a Palavra e a Escritura, o filósofo acentua a importância da leitura das Escrituras, pois ela abrange um amplo espectro que, além da relação entre palavra e escrita, também envolve a comunidade que recebe os textos fundadores de sua fé. A comunidade se compreende a si mesma à luz das Escrituras. Ela se identifica com os textos sagrados e adere a uma Palavra que é sempre anterior à sua própria existência. Dai a importância da hermenêutica bíblica. Como afirma Vitor Chaves Souza (2017, p. 254) "a tarefa da hermenêutica bíblica, no contexto da nebulosidade de sentidos e na busca pela compreensão de temas como fé, crença e salvação, tem um fim comum: como conhecer a si mesmo?".

Trata-se do que Ricoeur (1994b, p. 269) denomina de círculo virtuoso, um círculo que fomenta a interligação entre os três círculos concêntricos: a Palavra, a Escritura e a Comunidade, e seus lei-

tores, em um movimento hermenêutico dinâmico que permite que a comunidade se interprete a si mesma ao interpretar os textos fundadores de sua fé (Greisch, 2011). Para o filósofo, o indivíduo se reconhece nesta Palavra que o antecede, pois ela é recebida e lida. Trata-se de uma questão de adesão e identificação. Assim, Ricoeur (2009, p. 229) afirma: "Conheço esta palavra porque está escrita, e está escrita porque é recebida e lida; e esta leitura é aceita por uma comunidade que, por isso, aceita ser decifrada pelos seus textos fundadores; ora, é esta comunidade que os lê".

Do texto ao Acontecimento: a Palavra na comunidade de fé

Para a comunidade, os textos fundadores de sua Palavra e história integram o processo dinâmico da revelação de Deus aos homens. Nesse sentido, podemos dizer que o cristianismo, como acontecimento irrepitível, não é a religião do Livro, mas a religião com o Livro (Mieis, 2006). Isso permite uma compreensão mais ampla e plausível: a da passagem da escrita à Escritura, visto que esta última se apresenta como um Livro entregue a uma comunidade e, dentro de um contexto de tradição viva, é também entregue às gerações futuras.

O cristianismo é indiscutivelmente a religião do Deus encarnado, do Deus que vem, o Deus Vindouro, o Deus que sai de Si em busca do ser humano. Nesse sentido, a revelação divina manifestada no Livro apresenta-nos um Deus kenótico, que renuncia a todo tipo de despotismo ao assumir, na contingência da história humana, a gramática do humano, com seus símbolos e significados. O cristianismo, como história salvífica e caminho, não se identifica como a religião do livro, mas sim como a religião "com um Livro", que, na gramática da existência humana, fixa e narra o acontecimento salvífico de Deus. Acontecimento como Palavra e Palavra como Acontecimento.

Dizer religião com um Livro é reconhecer, como afirma o teólogo Christoph Theobald (2008, p. 254), o "caráter pedagógico de Deus, que, em benefício do homem, se esconde no mundo e no texto". Trata-se do Deus *revelatus et absconditus*, o

Deus que se mostra e se esconde (Ricoeur, 1984). A fé emerge do dinamismo gerado pela chegada do sentido contido no texto. Esse processo de descoberta do significado é contínuo e ocorre por meio da interpretação e da vivência do conteúdo textual, permitindo que a fé se desenvolva e se renove a partir da interação com a Palavra. Como observa Ricoeur (1984, p. 215), "a fé nasce do dinamismo do acontecimento do sentido textual". O texto, portanto, tem a capacidade de validar a consonância entre a revelação divina e a linguagem da experiência humana da fé, pois a experiência cristã encontra na linguagem a mediação necessária para sua expressão e articulação (Ricoeur, 2010).

Da Escrita à Palavra viva: a revelação de Deus na linguagem e na tradição

Assumir tal proposição implica, de certa forma, reafirmar a importância da escrita em sua dialética com as tradições orais, como tem sido uma constante na construção hermenêutica de Ricoeur. Oralidade e escrita imbricam-se mutuamente, uma vez que a escrita perpetua a oralidade como saber e tradição de uma comunidade. Assim, é preciso compreender essa relação entre oralidade e escritura não apenas como uma questão meramente verificável dentro do universo da linguística, mas também como articulável com a Teologia Bíblica e com a exegese, uma vez que a questão da linguagem tangencia esses saberes numa interdisciplinaridade, diante de um processo de recontextualização epistemológica a partir dos signos da revelação. Recordar-se que, segundo Ricoeur (2010, p. 216), "o texto, pode autenticar a conformidade entre revelação divina e a linguagem da experiência humana da fé".

Para Ricoeur (1994b) no horizonte da linguagem religiosa, o fenômeno da escrita está configurado à ideia de uma palavra viva que tem o poder de contemporizar a palavra primeira à qual a Escritura manifesta. Isso significa articular a ideia da revelação de Deus e sua nomeação, que emana dos textos sagrados. Nesse sentido, afirmar que Deus se deixa nomear nas múltiplas vozes dos discursos bíblicos é reconhecer que

esses discursos expressam de maneira polifônica e polissêmica a sua revelação no contexto da linguagem religiosa. A revelação de Deus é sinfônica, pois as múltiplas vozes dos textos bíblicos falam de Deus.

A questão da intertextualidade, como abordada por Ricoeur (1995c, p. 42), confere grande importância "à diversidade das formas empregues pela fé bíblica e às teologias que nela se baseiam". Por um lado, a relação entre o conceito de escrita e o de livro levanta uma pergunta central: que lugar ocupa, por excelência, a palavra? Segundo o filósofo, a escrita, para não se manter fechada em si mesma, necessita da palavra, que a fecunda e, por sua vez, transforma e dinamiza a própria realidade estrutural do texto. Por outro lado, ele evidencia a importância do acontecimento narrativo como marca de uma realidade comunicativa, que reivindica a presença de um sujeito narrador capaz de oferecer à comunidade os elementos necessários para que ela se torne uma comunidade interpretante. Assim, o elemento narrativo centra-se na proposição de que o signo de Deus, antes de se fazer presente na palavra, faz-se presente na história. Isso implica que, para ele, "é possível nomear Deus pela fé porque os textos religiosos que a tradição comporta e transmite já o nomearam" (Ricoeur, 1994b, p. 283).

As experiências das comunidades do Antigo e do Novo Testamento são apresentadas como narrativas que se inscrevem em um Livro, conforme afirma Queiruga (1995, p. 355): "As experiências das comunidades do Antigo e do Novo Testamento se apresentam como histórias narradas em um Livro". Este livro, portanto, não apenas relata a história, mas também serve como um meio de revelação de Deus. Neste contexto, Vitor Chaves Souza (2017, p. 123) observa que "o mistério faz parte da nomeação de Deus, e diferentes interpretações acerca do nome divino podem coexistir e, principalmente, dialogar entre si, conforme acontece no Antigo e no Novo Testamento". A coexistência dessas interpretações sublinha a necessidade de uma inteligência hermenêutica capaz de afirmar que Deus se esconde e se revela simultaneamente no seio da história e na

palavra humana.

A Teologia, por sua vez, reconhece que o Deus *revelatus* é também o Deus *absconditus*, mantendo o paradoxo da revelação no coração da história. Ricoeur (1984) contribui significativamente para essa reflexão ao falar da revelação de Deus em termos de seu duplo sentido, ou seja, como ocultamento e manifestação. Para ele, "o Deus que se mostra é um Deus escondido a quem pertencem as coisas escondidas" (Ricoeur, 1984, p. 33). Esse Deus é simultaneamente o *Deus absconditus* e *revelatus*, pois, ao mesmo tempo que se esconde, Ele se revela. Nesse sentido, a compreensão do texto bíblico como fenômeno linguístico torna-se crucial. A linguagem, em sua condição polifônica, oferece a chave para a interpretação da revelação divina. A interpretação dos textos que expressam a fé permite que o mistério inefável de Deus se revele ao ser humano, proporcionando-lhe a possibilidade de acolher e vivenciar a manifestação divina recebida pela revelação.

Ademais, a dinâmica interna da intertextualidade, presente em toda a obra bíblica, revela que a Bíblia, como Livro sagrado, é também um desvelamento de um mundo – o mundo que os textos bíblicos descortinam como referente Último. Deus, como referente Último dos textos bíblicos, confere à linguagem religiosa sua legitimidade como meio e lugar de revelação. De acordo com Ricoeur (1994c, p. 301), "o mundo do texto bíblico, ao nomear Deus e Cristo e, conseqüentemente, anunciar o Reino de Deus, confere à linguagem religiosa sua legitimidade como meio e lugar de revelação". Assim, a linguagem bíblica adquire uma singularidade em relação a outros tipos de linguagem, marcada pela presença predicativa de Deus, conferindo-lhe um significado único e essencial para a comunicação da fé.

A relação entre Palavra e Escritura na hermenêutica de Paul Ricoeur

Assumir a importância da relação entre palavra e escritura implica reconhecer uma dialética complexa que é central na hermenêutica de Ricoeur. Oralidade e escrita imbricam-se mutuamente,

visto que a escrita perpetua a oralidade como saber e tradição de uma comunidade. Assim, essa relação não deve ser vista apenas como uma questão linguística, mas também como um ponto de intersecção entre Teologia Bíblica e exegese, numa interdisciplinaridade que se insere num processo de recontextualização epistemológica a partir dos signos da revelação. Segundo Ricoeur (2010, p. 216), "o texto pode autenticar a conformidade entre revelação divina e a linguagem da experiência humana da fé".

Ricoeur (1994c) explora essa relação a partir do que chama de "duplo desvio" entre Palavra e Escritura, que envolve duas dimensões: o desvio vertical e o desvio horizontal. O desvio vertical refere-se à transcendência da palavra humana em relação à Palavra divina, que ultrapassa as palavras humanas. Já o desvio horizontal distingue o uso profano da palavra do uso teológico, formas que possuem sentidos e objetivos distintos, mas que se complementam na interpretação teológica.

O filósofo ressalta que a Palavra de Deus se manifesta por meio da linguagem humana, e essa linguagem deve ser compreendida como uma mediação da revelação divina, mantendo uma tensão constante entre o ocultamento e a manifestação do divino. Ele afirma que

[...] é na esperança de não eliminar esta diferença desse duplo desvio, pelo menos para torná-lo aceitável, que selecionei o nível mediano das grandes estruturas do texto bíblico, a fim de discernir os processos pelos quais os escritores bíblicos mobilizam os recursos da palavra e da escrita ordinárias para deixar falar a Palavra do Outro e oferecer-lhe a mediação de uma Escritura apropriada (Ricoeur, 1994c, p. 312).

Neste horizonte, a escrita é mais que um mero registro: ela atualiza a palavra viva e contemporiza a palavra primeira à qual a Escritura manifesta. Assim, afirmar que Deus se deixa nomear nas múltiplas vozes dos discursos bíblicos é reconhecer a polifonia e a polissemia da revelação divina. A revelação de Deus é sinfônica, pois as diversas vozes bíblicas falam de Deus em seus contextos históricos e linguísticos.

A dimensão narrativa é fundamental nessa

mediação: "o signo de Deus, antes de se fazer presente na palavra, faz-se presente na história" (Souza, 2017, p. 107-108). Dessa forma, a palavra humana que estrutura o texto bíblico é o espaço no qual a manifestação divina se dá, conferindo ao texto a condição de lugar da revelação. Como observa Queiruga (1995, p. 355), "as experiências das comunidades do Antigo e do Novo Testamento se apresentam como histórias narradas em um Livro".

A coexistência e o diálogo entre interpretações diversas do nome de Deus também revelam a complexidade do texto sagrado, como sublinha Vitor Chaves Souza (2017, p. 123): "o mistério faz parte da nomeação de Deus, e diferentes interpretações acerca do nome divino podem coexistir e, principalmente, dialogar entre si, conforme acontece no Antigo e no Novo Testamento". Tal realidade aponta para a necessidade de uma inteligência hermenêutica que reconheça o paradoxo do Deus *revelatus* e *absconditus*, conceito que a teologia fundamental destaca ao afirmar que "o Deus *revelatus* é o Deus *absconditus*, garantindo o paradoxo que se realiza em sua revelação no coração da história" (Pastor, 1992, p. 238). Para Ricoeur contribui para esse entendimento ao dizer que "o Deus que se mostra é um Deus escondido a quem pertencem as coisas escondidas" (1982, p. 33), revelando simultaneamente o caráter oculto e manifesto do divino. Além disso, o "mundo do texto" bíblico, que Ricoeur descreve como um espaço de esperança e reflexão, proporciona um horizonte no qual a humanidade pode reconhecer sua identidade à luz da Palavra divina. Como afirma Greisch (2011, p. 22), "a Escritura é como um espelho – *liber/speculum* –, pois, para Ricoeur, os textos bíblicos nos revelam a verdadeira face de nós mesmos e libertam em nós novos poderes de ação".

Finalmente, o círculo hermenêutico que envolve a interpretação dos textos e a tradição que os sustenta é fundamental para entender como a Palavra de Deus se manifesta na história. Nesse sentido, como observa Haugth (1995, p. 55) "a ideia da revelação de Deus está associada a uma 'palavra' proferida por Ele e impressa nos textos

sagrados", ressaltando a dimensão histórica e linguística da revelação. Em síntese, a relação entre palavra e escritura, conforme articulada por Ricoeur (1994b), revela uma complexa mediação entre o divino e o humano, em que a linguagem é o veículo que torna possível a manifestação da Palavra de Deus. Essa compreensão é essencial para uma hermenêutica bíblico-teológica que busca interpretar o texto sagrado como lugar vivo de revelação.

A revelação de Deus e a antropologia fundamental

A ideia de um passado que antecede qualquer outro tem um significado essencial para Ricoeur (1994, p. 334). Para ele, a história do antigo Israel já revela, de forma singular, a manifestação de Deus. Essa revelação ocorre na história, pois Deus age e se faz conhecer pelos textos que a comunidade interpreta. Como destaca a Escritura: "Eu sou *Yahvéh*, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da escravidão" (Ex 20,2-3). A libertação do Egito, nesse sentido, é um acontecimento central da fé e da revelação.

Ricoeur (2010) explica que a origem não deve ser compreendida como um simples começo cronológico, mas como uma presença sempre atual no discurso e na memória da fé. Nesse sentido, afirma que "a origem não funciona como um primeiro de uma série, mas como aquilo que está sempre já lá no seio de uma palavra atual" (Ricoeur, 2010, p. 223). Assim, Moisés não apenas dá continuidade a uma tradição, mas encontra-se precedido por uma anterioridade que transcende o tempo linear. A narrativa bíblica da criação, por sua vez, não se limita a descrever um início sequencial, mas introduz uma perspectiva teológica na qual o princípio permanece vivo e operante no presente da fé.

Essa compreensão é aprofundada por Ricoeur em seu ensaio *Penser la Création* (1998), no qual delinea três grandes figuras que estruturam a história da salvação. A criação é apresentada como passado imemorial, isto é, um início incessantemente continuado; a revelação, por sua vez, assume a forma de um colóquio entre o amante

e o amado, em que o amor experimentado se desdobra na prática do amor e da justiça; por fim, a redenção manifesta-se como o tempo do Reino, entendido como a irrupção do novo na ordinariiedade da vida. Desse modo, o Reino se configura como realidade em constante vinda, instaurando uma tensão fecunda entre o futuro do Reino e o Reino futuro (1998, p. 103).

Para Ricoeur (1998), a relação entre Deus e o ser humano é essencialmente dialógica: Deus se manifesta, e o ser humano responde. Ele afirma que "autoapresentação e reconhecimento formam um par assimétrico no qual aquele que se apresenta mantém a iniciativa, e o reconhecimento implica uma atitude responsiva" (Ricoeur, 1998, p. 348). Esse dinamismo está presente na tradição judaica, em que a oração do "Shema Israel" expressa uma relação de escuta e compromisso.

A Bíblia não apresenta Deus como um conceito abstrato, mas como um ser vivo, presente na história do povo. Como destaca Vitor Chaves Souza (2017, p. 391): "Deus e o ser devem ser pensados não no sentido da fusão dos termos, mas no sentido da convergência dos conceitos". A diversidade dos textos bíblicos reflete essa riqueza da revelação divina, sempre ligada à experiência concreta da comunidade.

A Palavra de Deus na linguagem humana

Em seu ensaio "La parole, Instauratrice de Liberté" (1966), Ricoeur explora a relação entre a Palavra de Deus e a palavra humana, especialmente no contexto da exegese e da interpretação. O cerne da questão é compreender como a Palavra de Deus se manifesta dentro da linguagem humana. Para isso, Ricoeur desenvolve a ideia do "processo da palavra", partindo de sua dimensão semântica e destacando a tensão interna entre esses dois polos.

Essa tensão interna refere-se à polaridade essencial da palavra. Ricoeur (1968) ao analisar o texto de Ebeling sobre Romanos 3 e 4, destaca a palavra humana como mediadora e Deus como o polo verdadeiro. Ele enfatiza que a Palavra de Deus

não existe separadamente da nossa, mas se faz presente dentro da própria linguagem humana. Como afirma: "esta palavra verdadeira não constitui outra ao lado da nossa. Ela não é pronunciada em outro lugar, senão na nossa linguagem" (Ricoeur, 1968, p. 30). Assim, a palavra divina não é algo distante ou apartado, mas uma realidade viva que se expressa na linguagem humana.

Para Ricoeur (1968), a revelação de Deus acontece dentro da comunicação humana e não como uma intrusão sobrenatural abrupta. Deus se revela por meio da linguagem humana, sem que sua Palavra perca seu caráter divino. Ele afirma que "podemos dizer que há uma equação total entre 'a de Deus' da palavra e 'a para o homem' da palavra. Quando o homem torna possível que a origem divina da palavra seja inteiramente manifestada" (Ricoeur, 1968, 30), ou seja, a origem divina da palavra se manifesta plenamente quando o ser humano a acolhe e a expressa. O conceito de "equação total" indica uma interação dinâmica entre a palavra humana e a divina. A palavra humana não apenas transmite, mas também possibilita a revelação de Deus. Assim, a revelação não é um mero reflexo da palavra divina, mas sua concretização dentro da existência humana. Esse processo não é apenas teórico, mas vivencial: a Palavra de Deus se manifesta na vida concreta das pessoas, tornando-se um princípio de existência.

Além disso, Ricoeur (1969) reconhece a riqueza dos diferentes gêneros literários na tradição cristã, que conferem à revelação uma dimensão polifônica. Essa pluralidade de expressões permite que o mistério de Deus se torne acessível pela linguagem. No entanto, ele destaca a centralidade do "único verbo de Cristo" como manifestação suprema da Palavra de Deus. Ao afirmar que "há mais sentido na palavra Deus que na palavra ser" (Ricoeur, 1969, p. 374), enfatiza que a essência de Deus se encontra no amor sacrificial de Cristo, e não em uma abstração metafísica. Dessa forma, a visão de Ricoeur apresenta uma teologia em que a revelação não é apenas uma transmissão de conhecimento, mas uma ação divina que ultrapassa os limites da linguagem. A Palavra

de Deus não é uma ideia distante, mas uma realidade viva, concretizada na vida e nos atos de Jesus Cristo, e também na resposta humana a essa palavra.

A Palavra encarnada e a inteligência narrativa da comunidade cristã

Na reflexão sobre a revelação divina e a antropologia fundamental, a Palavra de Deus assume um papel decisivo, sendo o espaço no qual o divino se manifesta e se comunica ao ser humano na linguagem da existência. Esta dimensão linguística da revelação não se reduz a meros signos ou códigos, mas configura-se como acontecimento vivo, histórico e aberto, que envolve a inteligência narrativa e kerigmática da comunidade cristã, como enfatiza Ricoeur (1968).

A inteligência narrativa e kerigmática da comunidade cristã revela o acontecimento da Palavra, que converge no acontecimento Cristo. Nos textos bíblicos, Deus e o ser humano se encontram em uma relação recíproca de comunicação e interação afetiva, na qual a narração e a expressão textual manifestam um Deus Oni-Amante e um ser humano que, em sua inquietude e capacidade de amar, O acolhe como dom de Amor (Ricoeur, 1968). Essa relação dinâmica entre revelação e palavra constitui um dos aportes mais significativos para a construção de uma Teologia da Palavra, cuja formulação transcende a simples análise linguística e se funda no diálogo entre acontecimento e sentido, elementos centrais na filosofia hermenêutica de Ricoeur (1970)

Segundo Ricoeur (1970) a palavra como manifestação divina está presente em cinco dimensões essenciais que estruturam essa teologia: primeiro, Deus se encontra com o homem na forma de palavra; segundo, o cristianismo compreende a Palavra que se faz carne; terceiro, o testemunho da primeira comunidade cristã configura uma forma da palavra – a Palavra da pregação na qual o acontecimento Cristo é reconhecido como Palavra; quarto, a pregação atual atualiza essa palavra primeira para a inteligibilidade contemporânea; e, finalmente, o trabalho exegético e teológico reafirma a significância

dessa palavra original, desencadeando uma cadeia interpretativa e vital.

Este percurso aponta para a necessidade de entender termos como encontro, compreensão, testemunho, pregação e discurso exegético-teológico não apenas como categorias hermenêuticas, mas como proposições teológicas fundamentais para a construção de uma Teologia da Palavra relevante para o contexto atual. Em particular, Ricoeur (1968, p. 338) destaca que "a Teologia da Palavra pressupõe não somente uma estrutura, mas um sentido – o sentido de uma palavra endereçada de Alguém a alguém".

Assim, a transição da língua, reconhecida como sistema de signos, para a palavra como acontecimento discursivo, torna-se essencial para que a Teologia bíblica seja ancorada numa fenomenologia da palavra, e não apenas numa análise estrutural da linguagem (Ricoeur, 1968). No centro dessa fenomenologia está o conceito de polissemia, a multiplicidade de sentidos que uma palavra pode assumir. Longe de ser uma "hemorragia da linguagem", a polissemia é compreendida como um fator vital para a dinâmica da compreensão teológica, permitindo que a palavra abrigue a riqueza e a complexidade do mistério divino e da experiência humana (Ricoeur, 1968, p. 337).

Desse modo, a palavra não é um conteúdo fixo e imutável, mas um meio vivo de interrelação e aprofundamento dos sentidos, um espaço dinâmico de revelação divina, no qual o divino não é uma realidade distante, mas uma presença encarnada na história humana e na vida cotidiana.

Nesse sentido, a proclamação cristã de que "o Verbo se fez carne" implica uma inteligência da palavra que, embora permaneça um mistério, é acessível na medida em que se abre à intuição e à experiência existencial do ser humano diante do divino (Ricoeur, 1968). A Teologia cristã é, assim, essencialmente uma Teologia da Palavra, cuja reflexão ocorre no horizonte da Palavra encarnada, que não apenas comunica, mas se enraíza na condição humana, consolidando a relação íntima entre linguagem e existência.

Compreender a palavra não como signo está-

tico, mas como acontecimento e revelação, abre espaço para uma abordagem teológica inovadora que ilumina a vida cristã contemporânea. A palavra, como evento, instaura uma compreensão dinâmica da revelação divina, convidando os fiéis a acolherem a Palavra como dom de amor, capaz de transformar a existência e abrir novas perspectivas para a formação cristã.

Portanto, a Teologia da Palavra, ao destacar a linguagem como espaço de encontro entre Deus e o ser humano, não se limita a uma reflexão acadêmica abstrata. Ela se apresenta como um convite à experiência viva do divino, na qual Deus, ao falar, não apenas se comunica, mas se dá ao ser humano como Amor encarnado.

Conclusão

A análise da hermenêutica de Ricoeur revela uma abordagem inovadora para a questão bíblico-teológica, que, ao integrar as ciências linguísticas, desafia as formas tradicionais de compreender a Palavra divina. Por meio de sua filosofia da linguagem, Ricoeur explora a passagem da língua, como sistema de signos, para a palavra como acontecimento discursivo. Essa distinção fundamental nos permite compreender que, enquanto a língua é um conjunto de sinais que, por si só, não comunicam significado, a palavra verdadeira se revela, carregando um sentido profundo e em constante movimento.

A partir dessa base teórica, a Teologia, ao se fundamentar em uma fenomenologia da palavra, abre-se para reconhecer a existência humana como espaço dinâmico e receptivo à manifestação divina. O ser humano, que narra sua própria experiência, torna-se, nesse contexto, o lugar privilegiado onde Deus se faz ouvir. Deus, antes de ser expressado nos textos sagrados, está presente no cotidiano da existência humana, na história vivida e na palavra falada. Assim, como destaca Ricoeur (1968, p. 347) a manifestação do ser na palavra, com seus múltiplos sentidos, revela uma dinâmica relacional entre o humano e o divino.

A conexão proposta por Ricoeur entre a linguística cognitiva e a Teologia Bíblica, ao cor-

relacionar a linguagem bíblica com a ontologia heideggeriana da linguagem, permite perceber a palavra como o espaço privilegiado da revelação. Em termos heideggerianos, a linguagem não é apenas um instrumento comunicativo, mas um modo de estar-no-mundo, no qual o mistério divino torna-se palpável. Para a Teologia, a palavra constitui o âmbito privilegiado no qual o mistério inefável de Deus se manifesta, abrindo-se ao ser humano de maneira compreensível e experienciável.

Ao sintetizar essa perspectiva, podemos afirmar que, para Ricoeur, o sinal da origem divina da palavra reside em seu efeito plenamente humano. Conforme ele mesmo sustenta: "o sinal da origem divina da palavra é o efeito inteiramente humano da palavra" (Ricoeur, 1968, p. 30). A linguagem humana, longe de ser um mero instrumento vazio, constitui o meio pelo qual Deus se revela à humanidade. Essa compreensão ressignifica a hermenêutica teológica, permitindo que a Palavra de Deus seja entendida como um evento de encontro e transformação. Nesse sentido, falar de uma Teologia da Palavra implica colocar no centro da reflexão teológica a pessoa de Jesus Cristo, a Palavra de Deus feita carne. A encarnação do Verbo concretiza a revelação divina, pois a Palavra não é um discurso abstrato ou meramente teórico, mas uma realidade viva, encarnada e atuante no mundo.

Portanto, a hermenêutica de Ricoeur não apenas ilumina a relação entre linguagem e revelação, mas desafia a Teologia a reconhecer a Palavra de Deus como uma realidade dinâmica, sempre em movimento na história e na experiência humana. Ao integrar linguagem, revelação e existência, ela nos convida a perceber que a palavra divina, encarnada em Cristo, continua a se manifestar em nossa própria linguagem e relações. Assim, a Palavra de Deus não é um eco do passado, mas um verbo vivo que interpela, transforma e convida a humanidade a um contínuo encontro com o mistério divino.

Referências

CARVALHO, José Carlos. A interpretação e os sentidos da Sagrada Escritura: o contributo de Paul Ricoeur. *Revista Didaskalia*, Lisboa, v. 34, n. 1, p. 35-78, 2004. DOI: <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2004.1614>.

GREISCH, Jean. Lire, interpréter, comprendre. In: VERHEYDEN, Jozef; HETTEMA, Theo L.; VANDECAS-TEELE, Pieter (org.). *Paul Ricoeur: poetics and religion*. Leuven: Peeters, 2011. p. 3-35.

HAUGHT, John F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. São Paulo: Paulus, 1998.

PASTOR, Alejandro F. Dios. In: LAUTORELLE, René; FISICHELLA, Rino; PIE-NINOT, Salvador (org.). *Diccionario de Teologia Fundamental*. Madrid: Paulinas, 1992. p. 312-332.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 1995.

RICOEUR, Paul. Autobiografia intelectual. In: RICOEUR, Paul. *Da metafísica à moral*. Coimbra: Instituto Piaget, 1995a. p. 45-136.

RICOEUR, Paul. Contribution d'une réflexion sur le langage à une théologie de la parole. *Revue de Théologie et de Philosophie*, Paris, v. 18, n. 5-6, p. 333-348, 1968. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/RICCDR-2>. Acesso em: 3 abr. 2026.

RICOEUR, Paul. Dio non è onnipotente. In: BIANCHI, Enzo (org.). *Paul Ricoeur: la lógica di Gesù*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2009. p. 135-154.

RICOEUR, Paul. Herméneutique de l'idée de Révélation. In: LEVINAS, Emmanuel; HAULOTTE, Edgar; CORNÉLIS, Étienne; GEFFRÉ, Claude; RICOEUR, Paul. *La révélation*. 2. ed. Bruxelles: Facultés universitaires Saint-Louis, 1984. p. 15-77.

RICOEUR, Paul. *La critique et la conviction: entretien avec François Azouvi et Marc de Launay*. Paris: Calmann-Lévy, 1995b.

RICOEUR, Paul. La parole, instauratrice de liberté. *Cahiers Universitaires Catholiques*, Paris, n. 10, p. 493-507, jul. 1966.

RICOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique I*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

RICOEUR, Paul. *L'herméneutique biblique*. Paris: Cerf, 2010.

RICOEUR, Paul. Herméneutique philosophique et herméneutique biblique. In: RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action: essais d'herméneutique II*. Paris: Essais, 1994a. p. 133-178.

RICOEUR, Paul. Phénoménologie de la religion. In: RICOEUR, Paul. *Lectures 3: aux frontières de la philosophie*. Paris: Seuil, 1994b. p. 263-272.

RICOEUR, Paul. Fides quaerens intellectum: antécédents bibliques? In: RICOEUR, Paul. *Lectures 3: aux frontières de la philosophie*. Paris: Seuil, 1994c. p. 327-354.

RICOEUR, Paul. *Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.

RICOEUR, Paul. Problèmes actuels de l'interprétations. *Libre Seus*, n. 148, p. 51-163, 1970.

RICOEUR, Paul. *Penser la Bible*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

RICOEUR, Paul. *Réflexion faite: autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995c.

SOUZA, Vitor Chaves. *A dobra da religião em Paul Ricoeur*. Santo André: Kapenke, 2017.

THEOBALD, Christoph. De la Bible en théologie. In: MIES, Françoise (org.). *Bible et théologie: l'intelligence de la foi*. Namur: Éditions Lessius: Presses universitaires de Namur, 2006. p. 59-70.

Donizete José Xavier

Doutor em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Roma, Itália. Professor do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP, Brasil.

Boris Agustín Nef Ulloa

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Roma, Itália. Professor do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Donizete José Xavier

Boris Agustín Nef Ulloa

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Programa de Pós-Graduação em Teologia

Rua Ministro Godói, 969, Prédio 2, 4º andar

Perdizes, 05015-901

São Paulo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.